

UMA CONTRIBUIÇÃO AO TEMA DA CONSCIÊNCIA CORPORIFICADA E A LÓGICA DO CORPO

Maria Cristina de Távora Sparano *

Resumo: A partir da posição apresentada por (HANNA; MAIESE, 2009), no seu livro *Embodied Minds in Action*, e por (MAIESE, 2011), em *Embodiment, Emotion and Cognition*, e, ainda, das contribuições do livro de Evan Thompson (2007), *Mind in Life: Biology, Phenomenology and Sciences of the Mind*, pretendemos, com os autores, deslumbrar essa nova possibilidade para a relação mente-corpo, salvaguardadas as diferenças básicas próprias de um dualismo que tem como base o modelo cartesiano. A proposta dos autores que pretendemos analisar tem como objetivo situar agentes conscientes em um patamar cognitivo mais abrangente situado no corpo dos indivíduos. Para os autores, criaturas com consciência e intencionalidade são essencialmente corporificadas, as manifestações dessa corporificação essencial é uma experiência subjetiva de *desire-based emotion*. Para os autores, essa posição, diferentemente daquela do enunciado cartesiano “Eu penso, logo sou”, diz: *I desire, therefore I am*. Para (HANNA; MAIESE, 2009), contrariamente ao cogito cartesiano que atribui consciência somente a animais racionais, essa consciência é uma capacidade protorracional: animais com mentes (como crianças pequenas ou portadores de doenças que afetam as capacidades cognitivas), sendo suficiente a capacidade de querer desejar, o que para os autores e especialmente para mim, é o princípio da capacidade de pensar pois para pensar, é preciso querer pensar.

Palavras-chave: Corpo. Consciência. Desejo. Emoção..

Abstract: From the position presented by (HANNA; MAIESE, 2009), in the book *Embodied Minds in Action*; (MAIESE, 2011), in *Embodiment, Emotion and Cognition*; and the contributions from the book of (THOMPSON, 2007), *Mind in Life: Biology, Phenomenology and Sciences of the Mind*, we intend to dazzle a new possibility for the relationship mind-body, safeguarded the basic differences of a specific dualism, which are based on the Cartesian model. The authors’ proposal that we intend to analyze aims at settling conscious agents in a more comprehensive cognitive level located in individual’s body. For the authors, creatures with consciousness and intentionality are essentially embodied, the manifestations of this essential embodiment is a subjective experience of desire-based emotion. Hanna and Maiese also state that such position, unlike that of the Cartesian statement: I think, therefore I am, goes as: I desire, therefore I am. For Hanna and Maiese, unlike the Cartesian *cogito* consciousness that attaches itself only to rational animals, awareness is a protorational capability: animals with minds (as well as small children or patients with diseases affecting cognitive abilities) bear sufficiently the capacity to want or desire. For the authors and me, that is the same principle of the capacity to think, because in order to think I must want to think.

Keywords: Body. Consciousness. Desire. Emotion..

*Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (1972), mestrado em Filosofia - Université de Paris I - Pantheon Sorbonne (1980), Doutorado Sanduiche em Filosofia- Université de Montréal (1994) e doutorado em Filosofia da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002). Pós-doutorado em Filosofia - University of Geneva (2013- 2014). Professora de Filosofia (UFPI).

Introdução

Na via traçada pela dicotomia cartesiana entre pensamento e extensão, o cientificismo purificou o corpo, reduzindo-o a uma máquina que pode ser completamente mapeada, ter seu funcionamento previsto e passível de ser programado, desconhecendo que o corpo está marcado pela **consciência** e por seu **animalismo**.

O objetivo deste trabalho é mostrar o lugar do corpo e suas implicações filosóficas para a cognição em um modelo alternativo de consciência que se situa além do modelo cartesiano clássico de consciência. Com uma possível hipótese para um sujeito pós-cartesiano, mostrarei a natureza da consciência corporificada e suas propriedades; e como esta pode oferecer respostas para a relação mente-corpo e sua ação no mundo. Indagarei sobre a importância da contribuição do modelo proposto para a filosofia da mente, ao passo em que analisarei suas teses e a estrutura disposicional dos estados mentais, como crenças, desejos e emoções baseadas em desejos. O movimento dessa proposta vai de “Eu penso, logo sou” para “Eu desejo, logo sou”, evocando sua importância tanto em relação à sua descrição e à sua função, como à sua atuação no mundo. A diferença entre materialismo cartesiano e corporificação essencial da consciência não se limita ao cérebro ou à matéria que situa apenas uma parte do cérebro como consciente e descarta seu animalismo natural que é essencialmente físico, mas também mental, e que, seguindo a direção dos autores (HANNA; MAIESE, 2009), engloba o corpo como um todo e seus desejos.

A relação entre fenômenos físicos e mentais, assim como a indagação sobre a natureza dos corpos e da mente são aspectos dessa relação que incitam novas questões e que mostram a atualidade filosófica das novas pesquisas, principalmente aquelas do âmbito das ciências neurofisiológicas e neurocognitivas e psicológicas.

A corporificação essencial da consciência

Para a pergunta “o que são criaturas com corpos, como nós?”, a resposta é: criaturas neurologicamente corporificadas com um sentido de consciência enraizado no mundo, orientadas de forma dinâmica e organizadas de forma irreversível por estruturas espaciais e temporais, costumeiramente chamadas de pessoas, fornecendo uma hipótese para um sujeito pós-cartesiano vivo e material (HANNA; MAIESE, 2009).

Em decorrência da teoria proposta por (HANNA; MAIESE, 2009) e para nosso uso, essas criaturas são pessoas; e uma pessoa é um objeto físico material e complexo, além disso, “[...] com uma consciência como a nossa essencialmente corporificada.” A “Corporificação Essencial da Consciência” não se limita ao cérebro ou ao sistema nervoso central, englobando “nosso corpo como um todo”(HANNA; MAIESE, 2009)[p. 102]. Mas para a pergunta “o que é o corpo de uma pessoa?”, a teoria proposta irá dizer que: corpos como os nossos realmente parecem funcionar de um modo mais complexo e curioso do que quaisquer outros objetos materiais conhecidos, sejam eles naturais ou artificiais. Contudo, nossos corpos são apresentados como entidades materiais que podem ser explicadas em termos puramente físicos que se definem por uma proposta essencialmente fisicalista.

Mas podemos oferecer uma visão completa de uma pessoa que dependa totalmente de explicações físicas?

Para muitos, não podemos apresentar uma resposta adequada puramente física de pessoas. Pessoas percebem, têm sentimentos, pensam e agem intencionalmente. Objetos puramente físicos não podem assim agir. Então, qual a diferença entre pessoas e objetos físicos?

Hanna e Maiese

A partir da posição apresentada por (HANNA; MAIESE, 2009), no seu livro *Embodied Minds in Action*, e por (MAIESE, 2011), em *Embodiment, Emotion and Cognition*, e, ainda, as contribuições do livro de (THOMPSON, 2007), em *Mind in Life: Biology, Phenomenology and Sciences of the Mind*, pretendemos, com os autores, deslumbrar essa nova possibilidade para a relação mente-corpo, salvaguardadas as diferenças básicas próprias de um dualismo que tem como base o modelo cartesiano.

A proposta dos autores que pretendemos analisar tem como objetivo situar agentes conscientes em um patamar cognitivo mais abrangente situado no corpo dos indivíduos. Para os autores, criaturas com consciência e intencionalidade são essencialmente corporificadas, as manifestações dessa corporificação essencial é uma experiência subjetiva de *desire-based emotion*. Para os autores, essa posição, diferentemente daquela do enunciado de (??)“Eu penso, logo sou”, diz: *I desire, therefore I am*. Para (HANNA; MAIESE, 2009), contrariamente ao cogito cartesiano que atribui consciência somente a animais racionais, essa consciência é uma capacidade protorracional de animais com mentes. Chimpanzés, crianças pequenas ou portadores de

doenças que afetam as capacidades cognitivas são animais com mentes, sendo suficiente a capacidade de querer ou desejar, o que para os autores é o princípio da capacidade de pensar e, especialmente para (MAIESE, 2011), para pensar, é preciso querer pensar.

A teoria desenvolvida pelos autores apresenta um aspecto fundamental: o animalismo corporeamente. A hipótese apresentada tem como base filosófica o hylemorfismo aristotélico em uma versão atualizada para animais com mentes. A recusa de um materialismo simplificado para a consciência e de um mentalismo estrito em primeira pessoa faz da proposta uma integração mente-corpo, que os autores chamam de realização autopoiética.

A descrição de criaturas com consciência e intencionalidade essencialmente corporificadas e a manifestação dessa corporificação será examinada como experiência subjetiva. Pode parecer, à primeira vista, que o caráter dessa descrição seja apenas funcional, mas os autores afirmam que há condições suficientes para demonstrar que corpos integrados à natureza e capazes de agir são consciências **essencialmente** corporificadas.

Ao contrário de organismos vivos, são corpos conscientes e dotados de intenção na consecução de uma ação. Diferentemente da neurociência, cujas teorias localizam a consciência no cérebro, a filosofia da mente de Hanna e Maiese localiza-a no agente, sem esquecer suas bases biológicas.

Embora, em princípio, possamos afirmar que ter uma matriz para a consciência nessas bases, isto é, corporificada, não leve a um fechamento da atividade racional, também não considera o elemento racional consciente na forma convencional dada pela tradição, mas inclui no estudo da consciência estados não conscientes e intencionais.

Hanna e Maiese: A consciência é essencialmente corporificada

A proposta de uma teoria da consciência essencialmente incorporada é vinculada a duas teses da teoria de (HANNA; MAIESE, 2009):

- a) tese da corporificação essencial da consciência: necessariamente, a consciência humana é corporificada, isto é, a consciência humana tem uma encarnação neurobiológica em larga escala de todos os seus estados em todos os sistemas vitais e órgãos vitais do animal humano consciente - incluindo o cérebro, o sistema nervoso, o sistema límbico, o sistema cardiovascular até os limites da pele e com uma extensão expandida aos domínios do ambiente;

b) b) tese da consciência profunda: necessariamente, se um animal humano consciente possui algum tipo de estado consciente, então ele possuirá também ocorrências conscientes, mesmo que de forma mínima. Em outras palavras, a tese propõe que todos os estados mentais são conscientes: “[...] consciousness penetrates into every aspect of four mental lives” (HANNA; MAIESE, 2009)[p.29]. Não há pensamentos subconscientes, todos os estados e processos mentais pressupõem subjetividade sensório-motora e esse é um modo primitivo de consciência corporal que fornece uma perspectiva pessoal tanto subjetiva como objetiva.

Os autores buscam, ainda, explicitar uma *neurophenomenological analysis of consciousness*, que tem sua fonte em estudos apresentados anteriormente por (HANNA; THOMPSON, 2003). Com a noção de *neurophenomenological analysis* da consciência, queremos explicitar os seguintes pontos do projeto a seguir.

- (i) descrever consciência, inclusive seus vários atos mentais, conteúdo e alvo tal como aparecem em primeira pessoa,
- (ii) estabelecer algumas proposições necessárias e a priori acerca de mentes conscientes com base naquelas descrições em primeira pessoa;
- (iii) tornar essas proposições tão coerentes quanto possível com a evidência empírica das neurociências cognitivas inclusive a psicologia cognitiva, neurologia médica, neurofisiologia e neurobiologia¹** (HANNA; MAIESE, 2009)[p. 21] tradução nossa, grifo nosso).

Animalismo corpo-mente

O animalismo corpo-mente defendido por Hanna e Maiese propicia uma versão renovada do funcionalismo, o assim chamado funcionalismo do corpo vivente (*Living Body Functionalism*) e seu correlato, a “corporificabilidade múltipla” (*multiple embodiment*), concebidos a partir da rejeição das versões recebidas do funcionalismo, tidas como reducionistas (HANNA; MAIESE, 2009)[p. 352].

¹ (i) to describe consciousness including its various mental acts, contents, and targets as it appears to the first person, (ii) to frame some necessary a priori claims about conscious minds on the basis of those first person descriptions, (iii) to make these claims cohere as closely as possible with empirical evidence from the cognitive neurosciences including cognitive psychology, medical neurology, neurophysiology, and neurobiology. (HANNA; MAIESE, 2009)[p. 21].

O funcionalismo do corpo vivente é por eles definido da seguinte forma: se para um dado sistema dinâmico, as propriedades funcionais determinarem exatamente a mesma eficácia causal de um organismo vivente, então tal sistema dinâmico é um organismo vivente. “Ou, dito de outro modo, [e literalmente] necessariamente, qualquer coisa do mesmo tipo de sistema dinâmico como um corpo animal orgânico é um corpo orgânico animal. Chamemos a esta tese de Funcionalismo do Corpo Vivo”² (HANNA; MAIESE, 2009)[p. 343], tradução nossa.

Essa tese, uma versão renovada do hilemorfismo aristotélico, sob esse aspecto, sugere uma oposição ao dualismo cartesiano. As propriedades físicas e mentais são uma fusão, são também sistemas dinâmicos, forças dinâmicas e causais próprias ao organismo vivo, forças que animam um corpo neurologicamente complexo que se move, provocando ações. De especial interesse é o fato de que, segundo o **animalismo corpo-mente**, as propriedades mentais não são redutíveis às propriedades físicas, sua ação conjunta atua sobre o meio ambiente.

Hanna e Maiese defendem como posição filosófica uma metafísica dos **sistemas dinâmicos**, estreitamente vinculada com a visão pós-fundamentalista do mundo, explicitada na tese da emergência dinâmica, segundo a qual o mundo não é nem fundamentalmente físico nem fundamentalmente mental, mas uma totalidade de forças dinâmico-causais, organicamente aranjadas.

A adoção do materialismo pós-fundamentalista nos dá o conforto necessário para afirmar que a matéria pode, dada uma situação correta, estar essencialmente vinculada, ou seja, fundida ao mental. Tal situação se dá quando as propriedades mentais emergem dinamicamente da complexidade física e biológica, constituindo um organismo essencialmente físico e mental.

Emoções baseadas em desejos (*Desire based emotions*)

Dando continuidade a essa tese, (MAIESE, 2011), em outro livro, *Embodiment, Emotion, and Cognition*, explora esses sistemas dinâmicos e os adiciona a um sujeito corporificado. Seu objeto é essencialmente um sujeito corporificado tendo como fundamento suas raízes biológicas e naturais. De acordo com outros autores, como Varela, (VARELA; THOMPSON; RORSCH, 1991) e (THOMPSON, 2007), experiências pessoais partem de um ponto de vista centrado. Esse sujeito não é um sujeito conceitual ou uma experiência autorreflexiva, apenas neurobio-

² “Or, in other words, necessarily anything that is the same kind of dynamic system as a living organismic animal body, is a living organismic animal body. Let us call this thesis Living Body Functionalism” (HANNA; MAIESE, 2009)[p. 343]

logicamente centrado. No entanto, o sentido do sujeito e da consciência, por definição, é imanente e reflexivo e essa corporificação essencial terá necessariamente um *conatus sensorimotor*; *affectus subjetivo* na definição de um sujeito substancialmente corporificado, uma consciência corporificada. Esse modelo de fusão considera as conexões entre o desejo, a emoção, a ação e a experiência corporal. Para Maiese (2011), há, portanto, uma reflexividade imanente, intransitiva, não intrínseca, mas relacional. Um dos pontos a ser explorado é a relação espaço-tempo, em que a espacialidade e o sentido do tempo têm estrutura e propriedades intrínsecas (posição do corpo no espaço e percepção do tempo) num sistema específico (diacrônica e sincrônica). Maiese, para caracterizar a estrutura da consciência, mantém o modelo de bidimensional de Searle como unidade horizontal e vertical, diacrônica e sincrônica. Essas propriedades intrínsecas e relacionais são acidentalmente externas e necessariamente internas, mas globalmente orientadas no espaço e no mundo, são assimétricas e irreversivelmente tomadas no tempo.

Em (HANNA; MAIESE, 2009), são chamadas propriedades estruturais intrínsecas. Os benefícios dessas estruturas espaço-temporais é que elas mantêm relações com o meio ambiente. Portanto, o ponto de origem da consciência é um corpo com uma continuidade de experiências perceptivas numa dimensão de engajamento no mundo.

Para a questão recorrente, - O que são criaturas com corpos como os nossos? -, a resposta da referida autora: são criaturas neurologicamente corporificadas com um sentido primitivo de *self* globalmente enraizado, dinamicamente orientado e irreversivelmente organizado por estruturas espaciais e temporais.

Nosso corpo é um corpo vivido (*lived body*) situado em um mundo onde o sentido, o significado e possibilidades de percepção e ação são fundamentalmente uma questão de desejo baseado em emoções (*desire based emotion*).

O sentido do self: de “eu penso, logo sou” para “eu desejo, logo sou”

Para muitos filósofos, como Kant, Nagel e Searle, a consciência humana é necessariamente unificada e, ainda mais, essa unidade é o fundamento da identidade pessoal e de um sentido único e individual do *self*. Alguém que realmente não se preocupasse com sua vida, suas experiências ou atividades em um determinado momento não somente perderia um coerente sentido de si no momento, mas também completamente o de uma vida consciente como a nossa (MAIESE, 2011).

A diferença entre criaturas dotadas de uma consciência cartesiana das que transcenderam essa perspectiva caracteriza-se na medida em que estas são dotadas de um desejo de primeira ordem de dar auto expressão corporal espontânea a cada emoção. Essas emoções são baseadas em desejos, vontades, inclinações, gostos, humores, paixões e sentimentos de pessoas que desejam coisas e que querem relacionar-se com outras, interagir socialmente. Seres com esse *conatus afetivo* são uma constante fonte de energia, de movimento corporal intencional compreendido como apetite, ímpeto, pulsão.

“A ubiquidade do ‘eu’ baseado em desejos e emoções reflete o fato de que tudo que aparece como algo, é algo que confere sentido [...] e algo pelo qual somos tocados, afetados, estimulados, surpresos e em algum nível violados” [WANDESFELS apud MAIESE, 2011, p. 110, tradução nossa]. Somos provocados por eventos e objetos de toda natureza e, para que tenham relevância, devem ser eventos relacionados ao sujeito, ao “eu”. Os modos de consciência corporal que incluem ambos são percepção somática, movimentos enraizados na experiência do corpo de um indivíduo como centro de desejo e de importância.

Esse sentido básico de desejo baseados em emoções (*desire based emotions*) aparece na infância e visa suprir, em um primeiro momento, necessidades básicas e leva a experiências de um “eu” e de um agir próprio. Da mesma forma, na idade adulta, essas experiências tornam-se mais sofisticadas, mas se encontram sempre engajadas numa experiência estimulante para o indivíduo. Mesmo em movimentos involuntários, autores como Sheets-Johnston (apud (MAIESE, 2011)) sustentam que surgem de uma experiência afetiva que brotou de desejos e de emoções.

São desejos pré-reflexivos que, espontaneamente, movem seu corpo, reagindo ou expressando modos de como o indivíduo quer o mundo.³ Auto expressão corporal significa que mesmo um indivíduo paralisado tem existência corporal, tem noção do movimento corporal e se importa com sua condição, e isso é relevante para a auto expressão. Desejos baseados em emoções são importantes não apenas para o movimento do corpo, mas também quando o movimento falha ou quando por qualquer razão somos incapazes de nos mover.

Entender o corpo como centro de desejo e de importância também nos permite compreender porque o indivíduo experiência seu próprio corpo como ambos, sujeito e objeto. Como sujeito, posso me mover de modo a conseguir o que desejo e ambas minhas percepções e interpretações são modeladas pelo que desejo, val-

³ Sintomas que se expressam no corpo do paciente.

orizo e considero significante. Mas, por outro lado, objetos do mundo lá fora me impactam e me afetam de forma que vão de encontro ou se opõem a meus desejos (MAIESE, 2011)[p. 111], tradução nossa.

O corpo é um corpo vivo e vivido, cujos significados e cujas possibilidades de percepção da ação são fundamentalmente uma questão de emoção e desejos. O sentido do *self*, do “eu”, de “mim” e das experiências subjetivas numa perspectiva egocêntrica fundada em desejo baseados em emoções, faz-se através da experiência corporal e tem um fundamento metafísico para situações limites do corpo até então compreendidas e tratadas fenomenológica e clinicamente a partir de seus sintomas; mesmo em situações-limite, como é o caso da agnosognosia⁴, quando pacientes declaram que seus corpos e movimentos estão normais, embora paralisados. O importante é que mesmo apesar da falta de percepção em relação ao estado de seus corpos os pacientes nunca declaram ser desprovidos de corpos e retêm algum sentido dos limites corporais (CARRUTHERS, 2008). O paciente se faz doença com seu corpo e seu “eu” está ligado à percepção ou não de seu corpo.

O autor citado sustenta que mesmo representações desconexas do corpo têm um sentido consciente de personificação; e afirma a compatibilidade dessas sensações desconexas com a noção de sintonia corporal de contexto?, o que, para (MAIESE, 2011), é chamado de enquadramento afetivo, que não se apoia na percepção atual do corpo nem numa consciência proprioceptiva, mas em sentimentos personificados e em desejos de enquadramento afetivo (*affective framing*).

Mesmo que os estados corporais, os sentimentos, os pensamentos e os movimentos estejam num fluxo contínuo e, muitas vezes, fenomenalmente desarticulados, eles têm um ponto em comum: a vivacidade da mente essencialmente corporificada que existe como entidade desejosa durante o passar do tempo, envelhece e eventualmente morre.

A noção de mente corporificada e, conseqüentemente, personificada, cuja raiz é desejo baseado em emoções, captura tanto a espacialidade como a temporalidade do “eu”, sua inserção no espaço e no tempo. Assim, podemos concluir que a extensão *corpo* - diferentemente do conceito cartesiano - mais desejo e emoções de pessoas, muitas vezes diagnosticadas como depressivas ou que sofrem de despersonalização, como marcas de caráter, que não se importam com sua vida e suas experiências vividas, são pessoas que mesmo assim experienciam fenômenos

⁴ Agnosognosia refere-se à falta de consciência, deficits sensoriais, motores e alterações cognitivas que ocorrem como consequência direta de lesão cerebral adquirida (acidente vascular cerebral, trauma cranioencefálico, infecções cerebrais) e doenças neurodegenerativas (demência).

tanto corporais como mentais. Mesmo alguém que, no limite de suas forças psíquicas, sofrendo de transtornos mentais não se importasse com sua vida, com suas experiências, sofrendo uma total falta de coerência do sentido de si e de sua vida nesses momentos, só não seria um sujeito e uma pessoa se lhe faltasse vida consciente como a nossa.

(MAIESE, 2011) descreve esse processo essencialmente corporificado de um ponto de vista mental especial, nomeando-o reflexividade imanente.

Acredito que isto é uma propriedade estrutural intrínseca de criaturas conscientes, vivas como nós e que é um resultado natural de nossa animada dinâmica neurobiológica. Então o *self* por si mesmo é nada mais, nada menos que um dinâmico, disposto, vivo e essencialmente processo corporificado - com efeito, uma forma viva ou uma forma de vida ((MAIESE, 2011)[p. 111], tradução nossa).

Os impulsos direcionados à auto estima, que (VARELA; THOMPSON; RORSCH, 1991)[p. 62] descrevem como “instintivos, automáticos, difusos e poderosos”, são uma expressão de nossos “desejos baseados em emoções”, que, por sua vez, são uma expressão de nossa dinâmica neurobiológica. Do mesmo modo, a tendência de nos preocuparmos com o eu, com o *self*, e de nos deixarmos levar pelo que os autores descrevem como “agarrar-se ao ego”, está enraizada em nossa dinâmica neurobiológica.

Maiese concorda com essa ideia, ao dizer que agarrar-se ao ego pode, de fato, levar a considerável sofrimento; e acredita que esse tipo de auto estima está no centro daquilo que significa ser um animal humano que se esforça para estar vivo e viver bem.

Conclusão

Um sujeito consciente, ao ter sentimentos em relação às coisas que o rodeiam e ao importar-se ou não com coisas e objetos, ao sentir sua presença, inerentemente também **se importa consigo mesmo** e com seus próprios estados mentais. É a experiência contínua do indivíduo ao importar-se com seu ponto de vista corporificado particular que dá a criaturas como nós um sentido de auto continuidade e coerência, pois, justamente como (VARELA; THOMPSON; RORSCH, 1991) observam, um indivíduo experimenta raiva ou se assusta quando é ameaçado; um indivíduo torna-se ganancioso ou anseia por auto aprimoramento ou, ainda, pode tornar-se entediado quando a situação com a qual está lidando parece irrelevante. Essa experiência

contínua de importar-se, preocupar-se, que é a base para todas as percepções, sensações corporais, sentimentos e motivações de um indivíduo, é biologicamente fundada e não pode ser extinta pela perda de partes específicas do corpo ou se numa postura dualista mente-corpo as desconsiderarmos como parte integrante da dinâmica corporal.

A extinção de desejos, emoções, razões para agir só se dá pela completa destruição da dinâmica neurobiológica do indivíduo, ou seja, a morte biológica e psíquica. É a plasticidade de um corpo consciente que dá o sentido de seu corpo e corpos entre outros corpos apresentada em caráter extremo por algumas patologias apresentadas por Maiese (agnosognosia, autismo, esquizofrenia)⁵ são do mais vivo interesse para nós nessa pesquisa, pois diríamos que a descrição fenomenológica de mundo circundante (*Umwelt*) é fundamental para a análise desse contexto, mas por si só não é suficiente, assim como as respostas neurofisiológicas ou neurológicas que nos indicam uma postura fisicalista.

Corpos dotados de uma consciência como a nossa numa dinâmica de desejos e emoções são corpos vivos, situados num mundo cujo significado, importância e possibilidades de percepção e ação são fundamentalmente uma questão de desejos baseados em emoções e suportam relações de significado de sujeito e sujeitos no mundo.

Essa teoria é para nossa reflexão uma teoria provocativa e desafiadora porque, além de articular as emoções com a mente, mostra como estas só se dão e existem num corpo. A teoria da mente corporificada e a ligação da mente com o corpo num processo de vida e atividade do corpo suporta a ideia de que o corpo na sua totalidade e abrangência e, não é apenas o cérebro que modela e estrutura a mente numa postura reducionista, estritamente fisicalista. Querer ou desejar entrelaçam as partes e o funcionamento do corpo atribuindo um dinamismo vivo e natural a criaturas com mentes como as nossas.

Referências

CARRUTHERS, G. Types of body representation and the sense of embodiment. *Consciousness and cognition*, Elsevier, v. 17, n. 4, p. 1302–1316, 2008.

HANNA, R.; MAIESE, M. *Embodied minds in action*. [S.l.]: OUP Oxford, 2009.

⁵ Maiese argumenta que nossa vida e nossos e corpos vivos, não apenas nossos cérebros, ressoam com as outras pessoas; e explora como os problemas da emoção poderiam estar implicados centralmente na esquizofrenia, no autismo e nas psicopatias. Conforme (MAIESE, 2011), na anosognosia uma doença altamente incomum caracterizada por uma incapacidade da pessoa de reconhecer que uma parte do corpo está paralisada. Por exemplo: uma pessoa que realmente não pudesse cuidar de sua vida, de suas experiências ou atividades num determinado tempo não somente teria um lapso no sentido de coerência do seu *self* por um determinado tempo, mas também e totalmente de uma vida consciente como a nossa.

HANNA, R.; THOMPSON, E. Neurophenomenology and the spontaneity of consciousness. *Canadian journal of Philosophy*, Taylor & Francis, v. 33, n. sup1, p. 133–162, 2003.

MAIESE, M. *Embodiment, emotion, and cognition*. [S.l.]: Palgrave Macmillan, 2011.

THOMPSON, E. *Mind in life: Biology, phenomenology, and the sciences of mind*. [S.l.]: Harvard University Press, 2007.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; RORSCH, E. *The embodied mind: cognitive science and human experience*. [S.l.]: Cambridge, MA: MIT Press, 1991.